

**Autoras | Authors**

Rúbia Ribeiro Leão\*  
rubiarib71@gmail.com

Daniele dos Santos Rosa\*\*  
daniele.rosa@ifb.edu.br

**LEITE DERRAMADO: A RELAÇÃO ENTRE A HISTÓRIA DO BRASIL E AS MEMÓRIAS DE EULÁLIO****LEITE DERRAMADO: THE RELATIONSHIP BETWEEN THE HISTORY OF BRAZIL AND THE MEMORIES OF EULÁLIO**

**Resumo:** Esta pesquisa buscou apresentar um estudo crítico, a partir da relação entre forma literária e conteúdo social, sobre a obra *Leite Derramado*, do escritor Chico Buarque, publicada em 2009. O objetivo deste trabalho foi conceber como a literatura de memória é apresentada a partir da perspectiva do narrador Eulálio e da íntima relação entre suas memórias e a história do Brasil, bem como compreender como a narração se realizou, entendendo como a narração do ancião produz e manipula o fluxo temporal que permite a repetição ao longo da narrativa, além de buscar perceber como ocorre o processo de decadência da história refletida pelos demais personagens do romance, tendo por pano de fundo a escravidão no Brasil e seus prolongamentos na vida social atualmente. A metodologia utilizada para o desenvolvimento da pesquisa embasa-se na crítica literária dialética. Possuindo como aporte teórico os estudos da formação da literatura brasileira, a partir das categorias teóricas desenvolvidas por Antonio Candido (1989) e Roberto Schwarz (2009, 2012). Somando-se também com as contribuições de Chiapinni (2002), acerca do narrador, Bergson (1999), Halbwachs (1990) e Sfogi (2012) relacionados à memória.

**Palavras-chave:** *Leite Derramado*, Memória e História, Crítica Literária Dialética, Escravidão.

**Abstract:** *This thesis presents a critical study on the relation between literary form and social content in the book *Spilt Milk*, written by Chico Buarque and first published in 2009. The objective of this work was to conceive how the literature of memory is presented from the perspective of the narrator Eulálio and the intimate relationship between his memories and the history of Brazil, as well as to understand how the narration was realized, understanding how the narration of the old man produces and manipulates the temporal flow that allows the repetition throughout the narrative, to perceive how the process of decay of the story occurs reflected by the other characters of the novel, having as background the slavery in Brazil and its extensions in the social life today. The methodology used in this research is the one related to dialectic literary criticism. The theoretical repertory relies on the studies concerning the formation of Brazilian literature and on the categories developed by Antonio Candido (1989) and Roberto Schwarz (2009, 2012). In addition, the contributions of Chiapinni (2002) on the narrator and of Bergson (1999), Halbwachs (1990) and Sfogi (2012) on memories were used.*

**Keywords:** *Spilt Milk. Memory and History. Dialectical Literary Criticism. Slavery*

[...] a memória é uma vasta ferida. (BUARQUE, 2009, p.10)

Chico Buarque nasceu no Rio de Janeiro em 1944. Cantor, Compositor e poeta, o escritor vem se consolidando ao longo dos anos no cenário literário brasileiro através de publicações que vão do teatro aos romances. A saber, peças: *Roda Viva* (1973), *Calabar* (1973), *Gota d'água* (1975) e *Ópera do malandro* (1979); a novela *Fazenda Modelo* (1974) e os

romances: *Estorvo* (1991), *Benjamim* (1995), *Budapeste* (2003) e *Leite Derramado* (2009).

Buarque possui uma escrita que intriga o seu leitor. Através de um conjunto de elementos presentes em suas obras é possível manter-se fixo ao longo das narrativas e envolver-se com a totalidade social ali construída. Percebe-se que sua escrita cresce e se aprimora ao longo de novas publicações, pois o autor constrói uma forma particular para cada um de seus romances.

Como reitera Vivian Albertoni e Guilherme Pereira (2005, p.3),

A qualidade estética do conjunto de sua obra implica tanto na preocupação com a faceta artístico/poética da mesma quanto com a consequência disso: a epifania a respeito da realidade da qual essa Arte brota e na qual ela se insere.

Em *Estorvo* - primeiro romance publicado em 1991 - Buarque nos apresenta um narrador em primeira pessoa, confuso, e que está em busca de soluções para as inquietações de seu eu no cotidiano, construindo uma narrativa que provoca incômodo em cada palavra e transformando a vida em uma grande metáfora sobre os detalhes do dia a dia, como podemos observar no seguinte fragmento:

Para mim é muito cedo, fui deitar dia claro, não consigo definir aquele sujeito no olho mágico. Estou zozinho. Não entendo o sujeito ali parado de terno e gravata, seu rosto intumescido pela lente [...] vou regulando a vista e começo a achar que conheço aquele rosto de um tempo distante e confuso. Ou senão cheguei dormindo ao olho mágico, e conheço aquele rosto de quando ele ainda pertencia ao sonho. (BUARQUE, 1991, p. 11)

Nesse mesmo sentido, como bem salienta Carvalho (2009, p. 15), podemos perceber que:

*Estorvo* é narrado em primeira pessoa, de maneira esquisita e desconcertante: nunca sabemos se o que está sendo narrado de fato aconteceu ou se é um delírio, uma divagação sobre como as coisas poderiam ter acontecido.

Já em *Leite Derramado* - obra analisada neste artigo - temos uma narrativa, também em primeira pessoa, contada através das memórias do ancião Eulálio, que se encontra numa cama de hospital e narra a história de sua família, desde seus ancestrais portugueses até o período do Rio de Janeiro do século XX, percorrendo momentos de ascensão e queda das gerações, em conexão com a economia e com as questões sociais da histó-

ria brasileira.

Campos enumera de forma sumária quais seriam os principais aspectos presentes em *Leite Derramado*:

Dentre essas características, destacam-se: a construção do protagonista, o conflito amoroso movido pelo ciúme vivido por Eulálio, em relação a Matilde, as interferências sarcásticas do narrador que pressupõe um narrador atento aos principais fatos da história, a volubilidade de Eulálio, que por vezes, representa também sua própria classe volúvel, o cenário urbano da capital fluminense, e principalmente, o registro memorialístico de um indivíduo que busca a totalidade de sua história. (CAMPOS, 2014, p. 10)

Como demonstrado, a memória é um elemento fundamental na narrativa, visto que Eulálio valida sua história por meio de sua memória individual, que, entrelaçada às questões sociais de um grupo em comum, reflete a memória coletiva de um povo, como podemos ressaltar no fragmento a seguir:

Quando eu sair daqui, vamos nos casar na fazenda da minha feliz infância, lá na raiz da serra. Você vai usar o vestido e o véu da minha mãe, e não falo assim por estar sentimental, não é por causa da morfina. Você vai dispor dos rendados, dos cristais, da baixela, das jóias e do nome da minha família. Vai dar ordens aos criados, vai montar no cavalo da minha antiga mulher. E se na fazenda ainda não houver luz elétrica, providenciarei um gerador para você ver televisão. Vai ter também ar condicionado em todos os aposentos da sede, porque na baixada hoje em dia faz muito calor. Não sei se foi sempre assim, se meus antepassados suavam debaixo de tanta roupa. (BUARQUE, 2009, p. 4)<sup>1</sup>

Contudo, a estes aspectos ressaltados por Campos (2014), é necessário salientar um ponto nevrálgico da narrativa: a Escravidão no Brasil. Presente como plano de fundo de toda a trajetória dos Assumpção, a exploração do trabalho servil de milhares de africanos apresenta-se em toda a sua atualidade, conforme será melhor tratado nos tópicos a seguir.

Nesse sentido, a partir desses pontos de vistas enunciados, devemos nos perguntar: estaria Buarque, em *Leite Derramado*, nos colocando em questionamento sobre nossas próprias histórias? Posicionando-nos em conflito com nossas próprias memórias e as memórias

1 Daqui em diante, usaremos a sigla LD para identificar a obra analisada, fazendo-se referência somente da página em que a citação se encontra.

da construção da nossa sociedade?

Na busca por responder a essas questões ou melhor situá-las, o objetivo deste artigo foi buscar compreender a íntima relação entre a memória e a história do Brasil, através do ponto de vista do personagem Eulálio, entendendo como a narração do protagonista produz e manipula o fluxo temporal que permite a repetição ao longo da narrativa, além de buscar entender como ocorre o processo de decadência da história refletida pelos demais personagens do romance, tendo por pano de fundo a Escravidão no Brasil e seus prolongamentos na vida social contemporânea.

A metodologia utilizada para o desenvolvimento da pesquisa embasa-se na crítica literária dialética, na relação intrínseca entre forma e conteúdo. De acordo com Candido (1989, p. 206-207),

Não se trata mais de ver o texto como algo que se esgota ao conduzir a este ou àquele aspecto do mundo e do ser; mas de lhe pedir que crie para nós o mundo, ou um mundo que existe e atua na medida em que é discurso literário. Este fato é requisito em qualquer obra, obviamente; mas se o autor assume maior consciência dele, mudam as maneiras de escrever e a crítica sente necessidade de reconsiderar os seus pontos de vista, inclusive a atitude disjuntiva (tema a ou tema b; direita ou esquerda; psicológico ou social). Isto porque, assim como os próprios escritores, a crítica verá que a força própria da ficção provém, antes de tudo, da convenção que permite elaborar os 'mundos imaginários'.

Será, portanto, partindo desse pressuposto, da obra de arte literária como um mundo em si, esse mundo imaginário que congrega em si a "internalização dos elementos externos" (CANDIDO, 1989, p. 204), que essa pesquisa se desenvolverá. Assim, a vida social, que parece impregnar a memória de Eulálio será analisada a partir da apropriação dos recursos formais, próprios de processo artístico.

Como embasamento teórico, estudamos a formação da literatura brasileira, a partir das categorias teóricas desenvolvidas por Antonio Candido (1989) e Roberto Schwarz (2009, 2012). Soma-se também as contribuições de Chiapinni (2002), Bergson (1999), Halbwachs (1990) e Sfogi (2012).

O artigo está dividido em dois tópicos: o primeiro, intitulado "Memória e História", aborda como as memórias do narrador Eulálio produzem o fluxo temporal que se interliga com o presente do personagem, mostrando o reflexo que essas lembranças permitem na história da sociedade. E o segundo tópico, intitulado "Balbino e a representação da escravidão no Brasil e o 'não' preconceito de Eulálio", tem como eixo central a

Escravidão no Brasil e o lado não ingênuo do narrador/personagem, buscando relacionar como ocorre o processo de degradação das gerações de Eulálio(s) e como isto reflete na história. E nas considerações finais, buscou-se tecer os dois tópicos, a fim de apresentar as principais reflexões dialogadas.

## Memória e História

A memória é deveras um pandemônio, mas está tudo lá dentro, depois de fuçar um pouco o dono é capaz de encontrar todas as coisas. Não pode é alguém de fora se intrometer, como a empregada que remove a papelada para espanar o escritório. Ou como a filha que pretende dispor das memórias na ordem dela, cronológica, alfabética, ou por assunto. (LD, p. 41).

Eulálio Montenegro d'Assumpção é o narrador de *Leite Derramado*. Com o intuito de narrar a história de sua família, ele nos envolve numa narrativa repleta de intriga, confissões e memórias, nas quais é possível perceber a decadência das gerações - não só de sua família, como também o reflexo dos anos na História do Brasil e do Ocidente. A citação de abertura é um dos primeiros indícios em que a memória do narrador é a linha tênue que costura a narrativa, apresentado no oitavo capítulo da obra, em mais um começo de narração de suas lembranças.

As memórias são dispostas ao leitor por meio de marcações que transitam entre o passado e o futuro, ofuscando assim o presente. As ações são possíveis através desse fluxo temporal, que é um agente fundamental na narrativa, podendo ser observado em: "Foi a última vez que dormi e sonhando com ela *melei* os lençóis. Como toda manhã, *arrancarei* a roupa de cama e *farei* uma trouxa, que *atirarei* pela janela dos fundos para a lavadeira apanhar" (LD, 2009, p. 69, grifo nosso).

Neste fragmento, a escolha dos verbos nos permite uma marcação do passado [fui/melei], enquanto os outros verbos marcam uma temporalidade futura [arrancarei/farei/atirarei], causando confusão no leitor, pois esses dois extremos temporais estão ligados por uma expressão que remete ao presente: [como toda manhã]. Esse movimento do fluxo temporal se processa ao longo da narração, nos permitindo a sensação de que Eulálio se perde e/ou se esquece do espaço e tempo em que realmente se encontra, como podemos verificar no momento em que nos conta quando conheceu Matilde, misturando este momento a outros posteriores:

Quando os reabri, Matilde se virava para mim e sorria, sentada ao órgão que não era mais um órgão, era o piano de cauda da minha mãe. Tinha os cabelos mo-

lhados sobre as costas nuas, mas acho que agora já entrei no sonho. (LD, p. 21)

Compreende-se que, de acordo com Sfogia (2013), “a memória é a representação do tempo passado, pois, interno à consciência, o tempo é sempre o presente, que se estende num *continuum*”. Maurice Halbwachs, em *A memória coletiva*, ao discorrer sobre a lembrança individual como limites das interferências coletivas, entende que:

*cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva*, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios. Não é de admirar que, do instrumento comum, nem todos aproveitam do mesmo modo. Todavia quando tentamos explicar essa diversidade. voltamos sempre a uma combinação de influências que são, todas, de natureza social. (HALBWACHS, 1990, p.34, grifo nosso)

Nesse sentido, verifica-se como a memória individual passa a ser porta voz da memória coletiva no momento em que as lembranças passam a ser uma representação do passado como forma de justificar o presente.

Assim, enquanto uma forma de representação, Bergson (1999, p. 90) nos diz que:

Para evocar o passado em forma de imagem, é preciso poder abstrair-se da ação presente, é preciso saber dar valor ao inútil, é preciso querer sonhar. Talvez apenas o homem seja capaz de um esforço desse tipo. Também o passado que remontamos deste modo é escorregadio, sempre a ponto de nos escapar, como se essa memória regressiva fosse contrariada pela outra memória, mais natural, cujo movimento para diante nos leva a agir e a viver.

Diante desses aspectos, Ari Campos (2014, p. 23) acentua que, em *Leite Derramado*,

a memória está sempre a favor do interesse do narrador, sua edição se faz de acordo com seus interlocutores e em seguida ganha características de devaneio já que a linha narrativa se perde entre os personagens, espaços e eventos narrados.

As memórias parecem se dispor em uma sequência lógica para a exposição, tendo como eixo central o sumiço ou não de Matilde, que é esposa de Eulálio e conseguinte, mãe de Maria Eulália. Dessarte, narrado em primeira pessoa, constrói-se na obra um movimento

que ao mesmo tempo concentra-se no protagonista, de quem fluem as lembranças, mas se amplia ao conectar a história particular de uma família com as questões sociais da sociedade, representado nos demais personagens:

Quando **eu** (grifos nosso) sair daqui, vamos nos casar na fazenda da minha feliz infância, lá na raiz da serra. Você vai usar o vestido e o véu da minha mãe, e não falo assim por estar sentimental, não é por causa da morfina. (LD, p.5).

Quando **eu** sair daqui, vamos começar vida nova numa cidade antiga [...]. (LD, p.29).

Quando **eu** morrer, meu chalé cairá comigo, para dar lugar a mais um edifício de apartamentos. (LD p.49).

A partir dessa centralidade, a narração acontece por meio do narrador- personagem, que nos causa dúvida ao repetir e apresentar várias versões para os fatos:

Então tomei suas mãos, olhei-a nos olhos e lhe confessei que Matilde havia realmente lhe abandonado o lar, quando ela nem engatinhava. Mas falecera pouco depois, em desastre de automóvel na antiga estrada Rio - Petrópolis, e já era tempo de deixarmos sua alma descansar em paz. (LD, p.122-123)

Mas naquela noite ela se afogou porque o tempo enlouqueceu, o mar encheu num segundo e as ondas gigantes tragariam qualquer incauto que tivesse na praia. [...] E lhe confessei que a ver o corpo de Matilde dar na praia, sabe lá com que mutilações, preferi afinal que ela permanecesse enrascada para sempre no fundo do oceano. (LD, p.170)

As versões sobre o sumiço de Matilde é um dos recursos que o narrador utiliza ao recuperar suas memórias. Ora Matilde abandonou Eulálio e a filha, ora morreu por conta de uma doença, outrora fugiu com outro homem, ora morreu afogada depois de enlouquecer. Assim como as memórias referentes às gerações de Eulálio(s):

Ensinei-o a ler, arranjei-lhe uma bolsa de estudos no meu antigo colégio de padres onde meu nome ainda abria portas. [...] Acompanhava-me aos sebos na cidade e me ajudava a desencavar fotografias do início do século, quando os Assumpção davam as cartas no país, conforme lhe ensinei. [...] O garoto não largava o livro de História, enchia a mãe de orgulho com as notas no boletim. Enfronhado em política desde cedo, chegou ao ginásio em condições de discutir de igual para igual com seus professores, a situação periclitante do país. E

um dia veio me comunicar que se tornara comunista. (LD, p.126)

Tempos depois nos telefonaram para buscarmos uma criança no hospital do Exército, era o filho do Eulálio e de uma comparsa que pariu na prisão. Esse Eulalinho criei como se fosse um filho, ensinei-o a ler, matriculei-o no colégio de padres onde meu nome abria portas, fiz fotografá-lo de calças curtas no Senado. Desde o princípio se mostrou um aluno sagaz, interessado em História do Brasil, discutia com seus professores de igual para igual, e um dia virou comunista. Diz minha filha que ele foi morto na cadeia, mas disso não se tem certeza, só sei que me telefonaram para buscar seu filho no hospital do Exército. Esse Eulalinho criei como se fosse um filho, ensinei-lhe a abrir as portas, fiz fotografá-lo de calças curtas com padres vermelhos, mas o sabor do remédio estava estranho. (LD, p.127)

Entretanto o coronel me cumprimentava pelo filho do Eulálio, recém-nascido no hospital do Exército, cinquenta centímetros, três quilos e meio. (LD, p.145)

A repetição é tanto um recurso próprio da memória e de quem está contando sua vida, como do autor que nos leva a desconfiar do personagem, pois nos apresenta o seu ponto de vista de diversas formas. A repetição dos fatos em várias versões nos permite desconfiar do narrador, já que ele busca através da narrativa reafirmar sua história e, para isso, nos apresenta as mesmas memórias em construções modificadas com acréscimo ou exclusão de informação, podendo ser averiguada nos excertos dispostos acima sobre o nascimento de um dos Eulálio(s) de sua família.

Junto a esse movimento permitido pela captação da memória, podemos verificar nos fragmentos analisados, que Eulálio se mostra para o leitor como um representante da elite brasileira, ou pelo menos tenta demonstrar os momentos em que sua família possuía um *status* bem-sucedido na camada dominante. A esta posição social da família soma-se um apanhando das etapas de formação da sociedade brasileira e ocidental, como podemos perceber nos fragmentos a seguir:

Ninguém vai querer saber se porventura meu trisavô desembarcou no Brasil com a corte portuguesa. De nada adianta me gabar de ele ter sido confidente de dona Maria Louca, se aqui ninguém faz ideia de quem foi essa rainha. [...] eu sou bisneto do barão dos Arcos. (LD, p.50)

E após um acerto de parceria com os colonizadores ingleses, me avô lançou no Brasil uma campanha para a fundação da Nova Libéria. (LD, p.51)

[...]os Montenegro possuíam metade do estado de

Minas Gerais. (LD, p.59)

Além da necessidade de demonstrar em sua narrativa seu *status* de representação da elite aristocrática brasileira, Eulálio se contradiz na representação quando nos apresenta que seu referencial cultural oriunda da Europa, visto que sua família mantém ao longo das gerações os costumes conservadores acerca do padrão de vida, a exemplo, a mãe de Eulálio só atender o telefone em francês. Assim, cabe salientar as palavras de Candido (1989, p.172):

Na literatura, notamos sob este aspecto certas escolhas intelectuais e artísticas, entre as quais podemos destacar o que noutro estudo chamei "tendência genealógica", tomando o qualificativo em sentido amplo, a fim de designar a interpretação ideologicamente dirigida do passado com o intuito de justificar a situação presente.

Candido utilizou a "tendência genealógica" para retratar os escritores no processo formativo da literatura brasileira. Para este estudo, buscou-se compreender que tal tendência parece ser algo não apenas de nossos escritores, mas de toda uma elite em nossa história como país e que Buarque capta isso ao transfigurar um personagem/narrador com essas características. Um narrador que ao (re)construir sua história seleciona por meio das lembranças aquilo que no passado pode lhe garantir uma supremacia sobre aqueles com os quais convive agora:

Muitos de vocês, se não todos aqui, têm ascendentes escravos, por isso afirmo com orgulho que meu avô foi um grande benfeitor da raça negra. Creiam que ele visitou a África em mil oitocentos e lá vai fumaça, sonhando fundar uma nova nação para os ancestrais de vocês. (LD, p. 50)

Neste trecho, no hospital, Eulálio ao se ver envolto por pessoas negras, internadas com ele, relembra o "feito" de seu avô - a proposta de fundação da Nova Libéria -, dando a esse fato uma caráter de benfeitoria, que permitiria o retorno dos negros a seu lugar de origem e impediria, o que torna-se o real desejo dessa ação, a miscigenação dos povos. É a esse passado de empreendimentos à ações visionárias que o narrador quer se integrar. Por isso, vemos como esse retorno ao passado pode se tornar uma justificativa à posição social, já que:

De fato, a "tendência genealógica" consiste em escolher no passado local os elementos adequados a uma visão que de certo modo é nativista, mas procura se

aproximar o mais possível dos ideais e normas europeias. Como exemplo para ilustrar este fato no terreno social e no terreno literário, intimamente ligados no caso, tomemos a idealização do índio. (CANDIDO, p.173).

Contudo, neste mesmo episódio, verifica-se que essa aproximação se torna impossível. Eulálio afirma: “hoje sou da escória igual a vocês” (LD, p. 50). Sob esse aspecto, ao ver o seu presente, o personagem chega a uma percepção mais clara da condição social mais abrangente: “Ouço suas vozes, e posso deduzir que são pessoas do povo, sem grandes luzes, mas minha linhagem não me faz melhor que ninguém” (LD, p. 50). Porém, mesmo assim, sua degradação não lhe permite compreender mais profundamente as razões que conduzem a essa relação social. O personagem acaba por buscar a todo o momento esse retorno, a esse pertencimento a uma linhagem que não existe mais.

Assim, Eulálio, através da narrativa de suas memórias, reflete a degradação do indivíduo e representa a degradação de uma camada social, centralizada nas lembranças de fatos sociais ligadas ao passado de muitas gerações, por meio do fluxo temporal interligado ao presente do personagem. Por meio dessa lembrança, e da busca por (re)construir seu passado, o leitor tem acesso a momentos centrais da história brasileira, todos eles centrados em um ponto: a Escravidão, conforme será tratado no próximo tópico.

### A representação da escravidão no Brasil e o “não” preconceito de Eulálio

Durante um período, para você ter uma ideia, encasquei que precisava enrabar o Balbino. Eu estava com dezessete anos, talvez dezoito, o certo é que já conhecia mulheres, inclusive as francesas. Não tinha, portanto, necessidade daquilo, mas do nada decidi que ia enrabar o Balbino. Então lhe pedia que fosse catar uma manga, mas tinha de ser aquela manga específica, lá no alto, que nem madura estava. Balbino pronto me obedecia, e suas passadas largas de galho em galho começaram de fato a me atiçar. Acontecia de ele alcançar a tal manga, e eu lhe gritar uma contraordem, não é essa, é aquela mais na ponta. Fui tomando gosto por aquilo, não havia dia em que eu não mandava o Balbino trepar nas mangueiras uma porção de vezes. E eu já desconfiava que ele também se movia ali no alto com malícias, depois tinha um jeito feminil de se abaixar com os joelhos juntos, para recolher as mangas que eu largava no chão. Estava claro para mim que o Balbino queria me dar a bunda. Só me faltava ousadia para a abordagem decisiva, e cheguei a ensaiar umas conversas de tradição senhorial, direito de primícias,

ponderações tão acima de seu entendimento, que ele cederia sem delongas. Mas por esse tempo felizmente aconteceu de eu conhecer Matilde, e eliminei aquela bobagem da cabeça. No entanto garanto que a convivência com Balbino fez de mim um adulto sem preconceito de cor. Nisso não puxei ao meu pai, que só apreciava as louras e ruivas, de preferência sardentas. Nem a minha mãe, que ao me ver arrastando a asa para Matilde, de saída me perguntou se por acaso a menina não tinha cheiro de corpo. Só porque Matilde era de pele quase castanha, era a mais moreninha das congregadas marianas que cantaram na missa do meu pai. (LD, p.19-20)

Eulálio é “brincalhão, mas não ingênuo”<sup>2</sup>, pois, apesar de ser um velho à beira da morte, a não ingenuidade do narrador-personagem é possível de ser averiguada nos momentos em que as contradições aparecem, mesmo ele tendo todo um cuidado com suas formulações de pensamento e narrativa, conforme visto anteriormente. O recorte escolhido para a abertura é de uma construção invejável, já que nos permite ter, logo no quarto capítulo da obra, um deleite conciso sobre o lado obscuro e cruel que o nosso narrador tenta esconder ao selecionar e verbalizar suas memórias ao longo da narrativa. O narrador se contradiz e ainda reflete um pensamento enraizado por longos períodos na sociedade, quem sabe, inclusive, os mesmos da atualidade?

Eulálio se contradiz ao dizer que não é preconceituoso, como pode ser observado na citação disposta na abertura, no entanto, na mesma citação diz querer ter uma conversa com Balbino que nos remete às questões da escravidão e posse senhorial: “Só me faltava ousadia para a abordagem decisiva, e cheguei a ensaiar umas conversas de tradição senhorial, direito de primícias, ponderações tão acima de seu entendimento, que ele cederia sem delongas”.

Balbino é um ex-escravo que cresceu com Eulálio e continuou servindo a família Assumpção mesmo depois de ganhar “alforria”. Quando criança, Balbino sofria com as crueldades de Eulálio, nos remetendo há um acontecimento parecido em outro romance brasileiro: *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (2016, p.157), de Machado de Assis, quando Brás Cubas animaliza o pequeno Prudêncio em uma brincadeira e o transforma em seu cavalo. Essa aproximação ao animalesco se soma a uma percepção de que haveria um prazer ou um costume dos negros em relação à escravidão, argumento esse sustentado por nossas elites:

2 Feliz expressão cunhada por Roberto Schwarz, em: *Brincalhão, mas não ingênuo. Folha de São Paulo*: São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2803200908.htm> Acesso em: 01 de junho de 2017.

O Balbino nem era mais escravo, mas dizem que todo dia tirava a roupa e se abraçava no tronco de figueira, por necessidade de apanhar no lombo. E vovô batia chapa, sem malícia na mão, batia pelo estalo que pelo suplício. Se quisesse lanhar, imitaria meu pai, que quando pegava negro fujão, açoitava com grande estilo. (LD, p.102)

A família de Balbino vive a tradição de servir e o nome é algo que firma essa tradição – não só com a família de Balbino, como também de Eulálio, como será discutido mais adiante. Balbina, irmã de Balbino, a exemplo, é a babá de Maria Eulália, filha única de Eulálio e Matilde:

Matilde dobrou-se enfim ao argumento, de resto podia como sempre confiar nossa filha à babá, uma pretinha que era quase da família. Eu praticamente a vi crescer, pois era irmã caçula do meu cupincha Balbino, lá na raiz da serra. (LD, p.84)

Balbino e a irmã Balbina, negros e empregados da família, abordam a escravidão e todas as crueldades que envolvem a questão racial na História do Brasil. Eulálio possui um preconceito velado que é algo vindo de geração para geração, podendo ser observado na obra nos seguintes trechos:

Meu avô foi um figurão do império, grão-maçom e abolicionista radical, queria mandar todos os pretos brasileiros de volta para a África, mas não deu certo. Seus próprios escravos, depois de alforriados, escolheram permanecer nas propriedades dele. (LD, p.15)

Olhou-me bem de perto e disse que, entre os Montenegro de Minas Gerais, ninguém tinha beiços grossos como os meus. A comida cuspi no prato, mas fiquei com a ofensa engasgada esses anos todos. E agora lhe perguntei *en passant*, ao sair da biblioteca, por que ela nunca me contara que tio Badeco Montenegro tinha cabelo pixaim. (LD, p.74-75)

Tem-se, nesses dois fragmentos, não apenas o destino dos negros escravos durante e após sua libertação, que os conduziu a uma vida social precária, como também a real miscigenação, própria da sociedade brasileira, mas que não é encarada nem afirmada por nossas elites, que ainda estão em busca de uma outra linhagem.

Roberto Schwarz, no ensaio *Cetim laranja sobre fundo escuro* (2012), afirma que “os Assumpção são antes uma categoria social do que uma família” e que Buarque representa com maestria a sobreposição entre

passado e presente ao confrontar por meio das gerações as épocas, não se tratando diretamente das memórias de Eulálio, mas sim das construções propositais que o artista compõe com humor e ambiguidade, exemplificada pelo crítico:

Para não perder a nota específica, ligada à história nacional, é preciso ter em mente a substância polêmica de cada situação, com a sua parte de alta comédia. O barão negreiro, por exemplo, foi uma glória da família, continua a sê-lo para Eulálio, mas é um malfeitor para os pósteros. Mesma coisa para o avô abolicionista, um benfeitor tão problemático quanto o outro: em vez de integrar os negros à sociedade brasileira, como quer a consciência de hoje, ele quer devolvê-los à África e ganhar dinheiro na operação. Já o pai senador, um pró-homem da República, representa bem o que pouco tempo depois se chamaria um laçao do Imperialismo. Assim, trazendo escravos ou mandando-os de volta, cobrando e torrando comissões ilegais, os Assumpção vão cumprindo o seu papel de classe dominante, europeizadíssimos e fazendo tudo fora da lei. (p.149)

A categoria social a qual pertence a família de Eulálio é a classe que buscou se manter em ascensão por meio dos métodos cruéis, representando o conservadorismo, a tradição, o patriarcado, mas que ao longo dos tempos são degradados historicamente declinando do poder.

Entende-se que os espaços são representações da tradição e, conseqüentemente, do declínio da família do narrador/personagem. A fazenda na raiz da Serra, o casarão em Botafogo, o apartamento em Copacabana, a mudança para um sobrado menor na Tijuca, a volta para a casa na raiz da serra transformada em favela, são um ciclo de degradação e declínio da família e também um reflexo acerca da degradação de uma camada social ávida por um retorno impossível, visto que o processo de modernização ocorre e pode ser percebido nesses espaços. A exemplo:

Mas Amerigo Palumba, que não conhecera a fazenda em seu esplendor, ao chegar à margem do ribeirão disse, cazzo, isto é o paraíso. Naquele momento, de fato, o ribeirão dava espetáculo, com o sol rasante em suas densas águas verdes, que em seguida ganharam um tom mostarda. E uma lufada de vento, talvez proveniente dos lados da fábrica de celulose, nos trouxe um odor sulfuroso que provocou ânsias na minha filha grávida. (LD, p,79)

Retomando a questão sobre tradição, os nomes - tanto das gerações do nosso personagem/narrador quanto os da família de Balbino - são retratos dessa

construção:

Antes de exibir a alguém o que lhe dito, você me faça o favor de submeter o texto a um gramático, para que seus erros de ortografia não me sejam imputados. E não se esqueça que meu nome é Assumpção, e não Assunção, como em geral se escreve, como é capaz de estar aí no prontuário. Assunção, na forma mais popular, foi o sobrenome que aquele escravo Balbino adotou, como a pedir licença para entrar na família sem sapatos. (LD, p.18)

Eulálio prende-se à tradição de todas as formas que consegue. Seja ao narrar/criar as histórias de suas gerações ou ao criticar a retirada ou não de uma letra em seu nome, mesmo que seu uso seja valorizado por ele apenas na escrita, já que considera deboche a pronúncia. “Também já lhe disse que o P de Assumpção é mudo. Se a senhora o pronuncia dá a impressão de deboche, parece insinuar que a minha é uma família de pernósticos” (LD, p.70).

A tradição nos faz retomar o conceito de “tendência genealógica” de Antonio Candido discutida no tópico anterior, entendendo que Eulálio busca manter a tradição considerando o seu passado dito patriota, mas que ao ser analisado, nos remete ao seu referencial europeu, de seus ancestrais portugueses. Portanto, como reitera Borges (2017), “o encontro da memória de Eulálio e a memória social brasileira se dá na própria fragilidade do seu contar o passado”, fragilidade esta própria de memórias, mas essencialmente ligadas à degradação de uma camada social e de seu projeto de formação do país, baseado na escravidão e na separação entre as camadas sociais.

### Considerações finais

São tantas as minhas lembranças, e lembranças de lembranças de lembranças, que já não sei em qual camada da memória eu estava agora. (LD, p.138-139)

*Leite Derramado* é uma obra de arte tecida pelas memórias e, como tela de fundo, possui a História do Brasil e do Ocidente. O recorte escolhido para análise desta pesquisa foi estudar e buscar compreender o narrador/personagem Eulálio percorrendo a tessitura da narrativa: a memória e sua relação com as questões sociais da sociedade, centralizada na Escravidão no Brasil.

Compreendeu-se que o narrador, apesar de ter construído uma narrativa que numa primeira leitura nos causasse comoção, é alguém que representa uma camada social dominante e cruel, mesmo que tenha declinado ao longo das gerações, pois, ao criar várias versões

sobre os acontecimentos, Eulálio não deixou de transparecer todo seu referencial conservadorista enraizado. O declínio inclusive é retrato do jogo construído para causar efeito no processo de degradação na narrativa.

Eulálio é - através da narrativa de suas memórias dada como individual - um representante de uma memória coletiva, representante de uma história questionável por suas várias versões. Suas lembranças, ao conectar-se com as lembranças dos demais personagens, são a construção de como o passado pode ser questionado quando retratado ou considerado apenas por um lado da história.

As repetições podem ser entendidas como algo natural, na medida em que as lembranças são fragmentos de um ocorrido, seja um passado ou um delírio, e que em nenhum momento ocorrerá exatidão nos detalhes, pois a forma que cada indivíduo escolhe em transmitir tal narrativa decorre do seu ponto de vista, e cada indivíduo possui um ponto de vista diferente para as mesmas situações. Eulálio em um dos muitos momentos de reflexão acerca de suas memórias, disse: “Mas se com a idade a gente dá para repetir certas histórias, não é por demência senil, é porque certas histórias não param de acontecer em nós até o fim da vida”, (p.184). Corroborando para a imprecisão das várias versões na narrativa.

Contudo, como vimos, essa repetição torna-se também ferramenta do narrador para tentar ora justificar seus atos, seu passado, ora de uma tendência genealógica que o possibilitasse usufruir das benesses de uma camada social superior, deixando assim de ser simplesmente um acaso da memória para fundamentar as bases que constituem a fundamentação social das elites brasileiras.

Assim, Eulálio é um velho com cem anos de idade, e com isso poderíamos inferir que o fato do esquecimento, do seu delírio, sejam causados também por este motivo. No entanto, a construção da confusão vai além, pois nós, leitores, somos levados a sentir incômodo pela confusão estruturada em sua forma, em como as transmissões são pensadas e arquitetadas pelo narrador, que ingênuo não é nada.

Portanto, este artigo está longe de esgotar os olhares possíveis para estudo sobre *Leite Derramado*, podendo ser ainda questionável em outros fatores que intrigam e se desencadeiam na medida em que a obra é vista com olhares aguçados e desconfiados. Matilde como eixo organizador central, por exemplo, ou como as violências as minorias são retratadas e interligadas a pensamentos enraizados ao patriarcado. Ou ainda, traçar um panorama da história brasileira e ocidental por meio das construções históricas presentes na memória

e narrativa do narrador. Ou como as várias camadas da memória que se entrelaçam e constroem novas significações. Podendo ainda haver mais desencadeamentos não pontuados e observados durante a análise.

## Referências

- ASSIS, Machado. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2016.
- ALBERTONI, Vivian; PEREIRA Guilherme. Chico Buarque de Holanda: crítica histórica através da Arte. **Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas Dossiê: a literatura em tempos de repressão**. Porto Alegre – Vol. 01 N. 01 – jul/dez 2005. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/view/4841/2760> Acesso em: 15 de jun. 2017.
- BERGSON, Henri. Do reconhecimento da imagem: A memória e o cérebro. In: **Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. tradução Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. - (Coleção tópicos)
- BORGES, Diuvanio de Albuquerque. **Leite derramado, de Chico Buarque: “lembranças de coisas que ainda não aconteceram” – entre continuidades e rupturas do realismo brasileiro**. No prelo. 2017.
- BUARQUE, Chico. **Leite Derramado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Estorvo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- CANDIDO, Antonio. Literatura de dois gumes. In: **A educação pela noite**. Editora Ática: São Paulo, 1989.
- \_\_\_\_\_. A nova narrativa. In: **A educação pela noite**. Editora Ática: São Paulo, 1989.
- CARVALHO, Vivian Cristina Alves de. **O romance de Chico Buarque: uma leitura de Estorvo, Benjamin e Budapeste**. Tese. Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- CAMPOS, Ary Silva Mascarenhas de. **A arte de contar histórias: uma poética da memória em Leite Derramado, de Chico Buarque**. 2014. Dissertação (Mestrado em Estudos Comparados de Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. doi:10.11606/D.8.2014.tde-27032015-144818. Acesso em: 15 de jun. 2017.
- CHIAPINNI, Lúcia. **O foco narrativo**. São Paulo: Ática, 2002.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva**. tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.
- SFOGIA, Leocir Antônio. **Leite Derramado - Aspectos da configuração estética da memória e do narrador**. 2013. 81f. Dissertação (Mestre em Estudos Literários) - Universidade do Estado de Mato Grosso, Tanguará da Serra, 2013.
- SCHWARZ, Roberto. Brincalhão, mas não ingênuo. **Folha**

**de São Paulo**: São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2803200908.htm> Acesso em: 01 de jun. 2017.

\_\_\_\_\_. Cetim laranja sobre fundo escuro. In: **Martinha versus Lucrécia: ensaios e entrevistas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

## CURRÍCULOS

\* Graduanda de Licenciatura em Letras - Português, no Instituto Federal de Brasília Campus São Sebastião.

\*\* Possui Graduação em Letras (2005), Mestrado (2009) e Doutorado em Literatura (2014), realizados na Universidade de Brasília/UnB. Atualmente, é professora de Literatura, no curso de Licenciatura em Língua Espanhola, e no Mestrado Profissional em Educação Técnica e Tecnológica no Instituto Federal de Brasília/IFB. Atua nos grupos de pesquisa: Literatura e Modernidade Periférica e Linguagem e Práticas Sociais, desenvolvendo pesquisas e orientações (iniciação científica e monografias).